

Entre cartas e memórias: preceptoras europeias no Brasil do século XIX

SAMUEL BARROS DE MEDEIROS ALBUQUERQUE*

Correio da Tarde, edição de 3 de maio de 1859. Um discreto informe, ao final da quinta coluna da terceira página, registrava o desembarque, ocorrido no dia anterior, da prussiana Mme M. R. Lassius, única mulher entre os passageiros do galeão francês Carioca, que havia deixado o porto de Havre, na Alta Normandia, e alcançado o porto do Rio de Janeiro, após uma longa viagem de 44 dias¹.

Significado algum teria para nós o registro daquele diário, caso, em princípios da década de 1950, a viúva do senador Gonçalo de Faro Rollemberg (1860-1927), conhecida em Sergipe, simplesmente, como Dona Sinhá, não tivesse dedicado um lugar especial em seu texto de memórias a Marie Lassius, preceptora germânica que a educou e viveu com sua família até 1879².

A memorialista Aurélia Dias Rollemberg (1863-1952) nasceu no Engenho Escurial, termo da cidade de São Cristóvão na margem esquerda do rio Vaza-Barris e próximo à sobranceira vila de Itaporanga d'Ajuda. Ela era filha de Lourença de Almeida Dias Mello (1848-1890) e do comendador Antonio Dias Coelho e Mello (1822-1904), vice-presidente da província de Sergipe e líder do Partido Liberal que ficaria conhecido como o Barão da Estância³.

Em 16 de junho de 1863, quando a sinhá-dona do Escurial, com apenas 15 anos, deu à luz a Aurélia, auxiliando a parteira e segurando firme a mão esquerda da jovem patroa, estava a intrépida Marie Lassius, que contava pouco mais de trinta anos e era responsável pela educação de Amélia Dias Dantas e Mello (1849-1888), filha primogênita do comendador com sua primeira consorte, dona Lourença Dantas e Mello (1834-1861), falecida há pouco mais de dois anos⁴.

Marie Lassius havia chegado à Província de Sergipe em princípios de 1863, contratada, como vimos, por uma família da elite açucareira do vale do Vaza-Barris, encabeçada por um político ascensional de pouco mais de quarenta anos e por uma jovem senhora que acabara de debutar. Fruto do primeiro casamento do comendador, havia, além de Amélia, o pequeno Pedro Dias Dantas e Mello (185?-?), órfão ao qual a boa madrastra se apegara como se filho dela fosse e que, vez por outra, desfrutava das lições da preceptora alemã.

Do ventre daquela família provinciana, Lassius assistiu aos casamentos da pupila Amélia⁵ e do rapazote Pedro⁶, viu nascer e educou as jovens Aurélia e Anna de Almeida Dias Mello (1869-192?)⁷, meninas que, não sem sentido, chamavam-na de “vovó alemã”. Somente em 1879, a preceptora apartou-se da família com a qual conviveu por longos e inesquecíveis anos, entre a doce Província de Sergipe e a capital do Império do Brasil.

Assim como Marie Lassius, entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX, educadoras estrangeiras cultivaram a “fina-flor” da juventude brasileira. Eram preceptoras alemãs, francesas, inglesas e suíças que cruzavam o Atlântico, seduzidas por boas propostas de emprego.

Na Europa, o ofício de preceptora começou a ser delineado na segunda metade do século XVIII, consolidando-se em princípios do século seguinte⁸. Distantes dos modelos tradicionais de escola, muitos jovens eram instruídos em seus próprios lares, onde passavam a conviver com essas educadoras. No Brasil, a referida prática tornou-se comum entre as famílias abastadas do século XIX, sobretudo durante o Segundo Império⁹.

Entre os grandes intérpretes da nossa cultura, o primeiro a refletir sobre a prática da preceptoria no Brasil oitocentista foi Gilberto Freyre, em *Social life in Brazil in the middle of the 19th century*, obra de princípios da década de 1920, vertida para o português por Waldemar Valente e publicada pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, somente, em meados da década de 1960¹⁰. Segundo Freyre,

[...] as preceptoras que os senhores de engenho mais ortodoxamente patriarcais da época – os que, não enviando as filhas para internatos das cidades, desejavam instruí-las em casa – anunciavam, nos jornais, precisarem para encarregar-se de tal ensino, eram senhoras que soubessem iniciar as meninas no conhecimento da gramática portuguesa, da geografia, da música, do piano; e que, também, as instruisse no conhecimento da língua francesa: não só no traduzir como no falar dessa língua (FREYRE, 1964:117).

Da mesma forma que percebeu a prática educativa cultivada pelas famílias “mais ortodoxamente patriarcais” do Brasil oitocentista, Freyre também refletiu sobre o tipo feminino que aquela modalidade da educação doméstica forjava.

[Em casa, a menina] aprendia a delicada arte de ser mulher. Música, dança, bordado, orações, francês e às vezes inglês, leve lastro de literatura, eram os elementos da educação de uma menina [...]. Muito romântica, algumas vezes criaturinha encantadora, lendo Sue, Dumas e George Sand, além de saborear folhetins, por vezes melífluos, quase sempre delicadamente eróticos, publicados então pelos principais jornais do Império para o seu público feminino. Sabia rezar. Sabia dançar. As danças da época eram a quadrilha, os lanceiros e a polca. Dançá-los bem, ser leve como uma pluma e tênue como uma fita de seda, era o máximo ideal de uma moça – contou-me ilustre senhora, crescida no meado do século XIX; e que tomou aulas de dança com o mesmo professor da Princesa Isabel (FREYRE, 1964:116)¹¹.

Pioneirismos à parte, o que podemos observar é que a historiografia educacional brasileira privilegiou o estudo das instituições formais de educação. Lacunares no que diz respeito ao tema, os manuais de História da Educação atestam o desinteresse dos estudiosos pela educação doméstica¹². Em parte, essas lacunas podem remeter a outra questão: apesar da constatação e reconhecimento como prática instituída, a educação realizada na esfera privada foi alijada dos registros oficiais, deixando poucos vestígios em arquivos públicos.

Meu interesse pelo universo da preceptoria não é recente. Ele foi despertado em 2003, ainda na graduação em História, quando estudava o já mencionado texto de memórias de Aurélia Dias Rollemberg¹³. O resultado dessa primeira empreitada foi a publicação do livro *Memórias de Dona Sinhá*, em princípios de 2005¹⁴. Desde aquela época, considerava a necessidade de dedicar maior atenção ao tema da preceptoria, que havia sido superficialmente abordado no apêndice *Educando as filhas do Barão*, do livro mencionado¹⁵.

O ingresso no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS, em março de 2005, representou uma oportunidade para aprofundar meus estudos sobre a preceptoria. Ao final do curso, defendi a dissertação *A preceptora: representações em “Amar, verbo intransitivo”, de Mário de Andrade*, onde estudei as representações da figura histórico-literária da preceptora alemã no mencionado romance modernista¹⁶.

Em dezembro de 2007, tive o projeto de pesquisa *Preceptoras alemãs na Bahia e em Sergipe* aprovado na seleção para o curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UFBA¹⁷. Daí em diante e visando a produção da tese *Entre cartas e memórias: preceptoras europeias no Brasil do século XIX*, deixei as preceptoras da ficção e passei às

preceptoras que viveram no Brasil oitocentista, estudando suas experiências e contribuições ao campo cultural.

Mesmo considerando o possível desinteresse dos leitores pela questão, julgo necessário registrar que os procedimentos teórico-metodológicos da Nova História Cultural constituíram o norte da referida tese¹⁸ e, por isso mesmo, entre os conceitos que me serviram de lente interpretativa, destacam-se: *saber indiciário* e *circularidade cultural*, a partir dos trabalhos do historiador italiano Carlo Ginzburg; e *representação*, a partir dos trabalhos do historiador francês de Roger Chartier.

O *saber indiciário* é, para Ginzburg, desdobramento de um paradigma que “emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas” a partir da década de 1870, apontando para a importância do *indício* como detalhe revelador de uma dada experiência humana e buscando “reconduzir ao conhecimento histórico não mais fenômenos aparentemente atemporais, mas fenômenos aparentemente negligenciáveis” (GINZBURG, 1989:10)¹⁹. Inspirado por essa ideia, busquei apreender o que está além da “superfície aveludada do texto”, atento ao emaranhado dos fios que formam a malha textual das memórias, cartas e outros documentos inquiridos no estudo, ciente de que “o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural” (GINZBURG, 1989:157).

A leitura que Ginzburg faz do conceito de *circularidade entre as culturas* foi utilíssima para interpretar o papel das preceptoras europeias na formação cultural das elites brasileiras no século XIX²⁰, levando-me a perceber “o relacionamento circular feito de influências recíprocas” (GINZBURG, 1987:13), travado nos lares das famílias que contratavam essas educadoras.

Dos conceitos difundidos por Chartier, apego-me, sobretudo, ao de *representação*²¹, segundo o qual, ao criarem *representações do mundo social*, seus artífices “descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 1990:19), deixando entrever interesses pessoais e de grupo²². A análise das fontes que deram base ao estudo foi também conduzida por esse conceito, pois, no ofício do historiador, é fundamental a identificação do “modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990:16).

Para compreender o modelo de cultura no qual as elites brasileiras que aderiam à prática da preceptoria se espelhavam, recorri ao conceito de *civilização* difundido pelo sociólogo alemão Norbert Elias. Para ele, pensar a civilização é pensar um processo que teve início no Ocidente do século XII, caracterizando-se pelo refinamento dos costumes. Essa modificação

dos padrões de sensibilidade e comportamento é atribuída à monopolização da violência pelo Estado e à extensão das redes de interdependência social. O modelo civilizacional dos europeus era, segundo o autor, aspirado por outras nações ocidentais²³. Dessa forma, a contratação de preceptoras pode ser interpretada como um dos instrumentos legitimadores do processo de expansão da Europa para além de seus limites físicos.

Em se tratando de interlocutores, não foram muitas as minhas opções, mesmo considerando os estudos surgidos nos últimos anos sobre a história da preceptoria no Brasil. Em 2000, a professora Marly Bicalho Ritzkat publicou o texto que, efetivamente, inaugurou o tema no âmbito acadêmico. A grande vitrine para o artigo *Preceptoras alemãs no Brasil* foi a obra *500 anos de educação Brasil*, que reúne textos de destacados pesquisadores da nossa historiografia educacional²⁴. Em 2004, veio a público a obra da professora Maria Celi Chaves Vasconcelos, tese desenvolvida na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio²⁵. Trata-se do mais amplo e importante trabalho sobre a educação doméstica no Brasil do século XIX, publicado em 2005 pela editora Gryphus, sob o título *A casa e os seus mestres*²⁶.

Ritzkat e Vasconcelos, baseadas nas cartas da preceptora alemã Ina von Binzer²⁷ e em anúncios de jornais paulistas e cariocas (entre outras fontes), estudaram a preceptoria no sudeste do país, demonstrando que a referida prática educativa era um distintivo das elites da Corte e da florescente São Paulo, regiões enriquecidas com a agroindústria cafeeira. Não imaginemos, todavia, que no “Brasil antigo”, nas províncias do Norte do Império, as preceptoras não teriam encontrado terreno fértil e que mesmo “as meninas bem nascidas” viviam reclusas e imersas em um anacrônico universo patriarcal.

Nos cinco capítulos que compõem a tese *Entre cartas e memórias*²⁸, investigo o universo de preceptoras europeias que viveram entre os grandes centros e a periferia do Império do Brasil e, para tanto, enveredo pelo cotidiano de famílias da nossa antiga elite política e econômica. Nos dois primeiros capítulos, estudo uma carta de fins da década de 1870, documento repleto de indícios reveladores da prática da preceptoria entre os nossos antepassados. No terceiro capítulo, lanço um olhar mais detido sobre as experiências da autora da carta, que atuou como preceptora da família imperial brasileira nas décadas de 50 e 60 do século XIX. No quarto e quinto capítulos, perscruto a representação construída por uma memorialista acerca de sua preceptora alemã, investigando a experiências partilhadas pela educadora junto a uma típica família da elite política brasileira do século XIX.

NOTAS

* Professor da Universidade Federal de Sergipe e líder do grupo de pesquisa Sergipe Oitocentista (CNPq/UFS), é graduado em História (UFS/2004), mestre em Educação (UFS/2007) e doutor em História (UFBA/2013).

(1) MOVIMENTO do porto. **Correio da Tarde**, Rio de Janeiro, 3 maio 1859. p. 3.

(2) Sobre o escrito autobiográfico de Aurélia Dias Rollemberg (Dona Sinhá), consultar: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Memórias de Dona Sinhá**. Aracaju: Typografia Editorial, 2005. O manuscrito original está hoje sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (ROLLEMBERG, Aurélia Dias. [Texto de memórias]. Aracaju, [entre 1927 e 1952]. Acervo do IHGSE).

(3) Sobre os pais de Aurélia Dias Rollemberg, consultar: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Memórias de Dona Sinhá**. Aracaju: Typografia Editorial, 2005 (todo o livro e, principalmente, as notas 2 e 5, nas páginas 136 e 137). Entre as grandes sínteses da Historiografia Sergipana, a obra que melhor aborda a figura do Barão da Estância é: DANTAS, Ibarê. **Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909)**. O patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe. Aracaju: Criação, 2009. Consultar também: ALBUQUERQUE, Samuel. Ibarê Dantas e a História da Província de Sergipe. **Revista do IHGSE**, Aracaju, n. 42, p. 209-217, 2012.

(4) Consultei os registros epigráficos da lápide sepulcral de Lourença Dantas e Mello, na Capela Nossa Senhora da Conceição do antigo Engenho Caieira, localizada na margem direita da velha estrada que liga as sedes dos municípios de Santo Amaro das Brotas e Maruim. A transcrição de tais registros é a seguinte: “Jaz aqui sepultada D. Lourença Dantas e Mello[,] mulher do comendador Antonio Dias Coelho e Mello[,] falecida no dia 1º de Abril de 1861 com 27 annos de idade”. Também consultei o inventário *post-mortem* da mesma Lourença, no acervo do Arquivo Geral do Judiciário, em Aracaju (Inventário *post-mortem* de Lourença Dantas e Mello. São Cristóvão, 1861. Arquivo Geral do Judiciário, Fundo São Cristóvão/Cartório do 2º Ofício, caixa 22, número geral 180).

(5) REGISTRO do casamento de José de Faro Rolemberg com Dona Amelia Dias Dantas e Mello. Itaporanga d’Ajuda, 1869. In: **Livro de registro de casamentos – 1845/1877**, casamento número 1258, folha 130 (reverso). Arquivo da Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora d’Ajuda, Itaporanga/SE.

(6) ROLLEMBERG, Aurélia Dias. [Texto de memórias]. Aracaju, [entre 1927 e 1952] (Acervo do IHGSE); ou _____. O documento. In: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Memórias de Dona Sinhá**. Aracaju: Typografia Editorial, 2005. p. 49-123. Além de: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. De passagem pelo Camaçari. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 16 mar. 2013. Caderno B, p. 6.

(7) NOTA de batismo de Anna. Engenho Escurial, Freguesia de Nossa Senhora d’Ajuda, 1869. In: **Livro de Batizados 1 [sic.] – 1864/1878**, batismo número 2046, folha 106 (reverso). Arquivo da Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora d’Ajuda, Itaporanga/SE.

(8) A difusão da preceptoría, dentro e fora da Europa, podia ser percebida pelo crescente número de escolas dedicadas à formação de preceptoras. Mesmo antes da unificação alemã, o Reino da Prússia já tinha escolas preparatórias que recebiam as moças que, posteriormente, seguiriam em jornada pedagógica pelo mundo [RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 269-290 (Coleção Historial, 6)].

(9) No campo educacional brasileiro, as preceptoras começam a perder terreno na primeira metade do século XX, quando se proliferaram os colégios fundados por congregações religiosas, que passaram a receber os jovens de famílias afortunadas. Além disso, ao longo do século XX, o mercado europeu ampliou as possibilidades de trabalho para mulheres, apresentando alternativas ao magistério. Sobre a história da preceptoria no Brasil, consultar: RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 269-290 (Coleção Historial, 6); VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e os seus mestres: a educação no Brasil de Oitocentos**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

(10) FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964. Essa obra é desdobramento da tese pré-doutoral *Social life in Brazil in the middle of the 19th century*, defendida por Gilberto Freyre em 1922, na Faculdade de Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais da Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos. Trata-se da matriz dos clássicos *Casa-grande & senzala*, *Sobrados e mucambos* e *Ordem e progresso*.

(11) Freyre voltou ao tema da preceptoria em outros trabalhos seus, notadamente na introdução à segunda edição de *Sobrados e Mucambos*, publicada em 1951 [FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano** (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil II). 2ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951 (Coleção Documentos Brasileiros, 66)].

(12) Entre os estudos que tratam da historiografia educacional brasileira, consultei: WARDE, Mirian Jorge. Anotações para uma Historiografia Brasileira. **Em Aberto**, Brasília, ano 3, n. 23, set./out., p. 1-6, 1984; BARREIRA, Luiz Carlos. **História e Historiografia: as escritas recentes da História da Educação Brasileira (1971-1988)**. Campinas, 1995. 258 p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação/UNICAMP.

(13) Entre março de 2003 e junho de 2004, no âmbito do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe – UFS, produzi a monografia intitulada *As memórias de Dona Sinhá*, sob a orientação da Profa. Dra. Terezinha Alves de Oliva. O trabalho consistiu na análise e na edição paleográfica do texto de memórias de Aurélia Dias Rollemberg, um documento produzido em princípios da década de 1950 e que registra experiências vividas por sua autora na segunda metade do século XIX [ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **As memórias de Dona Sinhá**. São Cristóvão, 2004. 135 p. TCC (Licenciatura em História), DHI/UFS].

(14) Desdobramento do trabalho de conclusão de curso mencionado na nota anterior, o livro foi publicado com o patrocínio de descendentes de Aurélia Dias Rollemberg e com o apoio da UFS (ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Memórias de Dona Sinhá**. Aracaju: Typografia Editorial, 2005).

(15) ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. Educando as filhas do Barão. In: _____. **Memórias de Dona Sinhá**. Aracaju: Typografia Editorial, 2005. p. 147-159. É preciso assinalar que, até então, o fenômeno da preceptoria não havia sido estudado em Sergipe. Sobre os estudos de História da Educação no referido estado, consultar: NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003 (Educação é História, 1).

(16) ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **A preceptora: representações em Amar, verbo intransitivo** de Mário de Andrade. São Cristóvão, 2007. 94 p. Dissertação (Mestrado em Educação), NPGED/UFS. Orientador: Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento. Inicialmente, busquei reconstituir aspectos ligados à produção e à circulação da obra estudada. Em seguida, enveredei pelas representações construídas por Mário de Andrade acerca da preceptora europeia, materializada na figura literária de Fräulein Elza. Finalmente, voltei-me à fusão literária entre os papéis de educadora e prostituta (“professora de amor”).

(17) ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **Preceptoras alemãs na Bahia e em Sergipe (1860-1920)**. Salvador, 2007. 20 p. Projeto de Pesquisa (Doutorado em História), PPGH/UFBA; _____. **Entre cartas e memórias: preceptoras europeias no Brasil do século XIX**. Salvador, 2013. 193 p. Tese (Doutorado em História), PPGH/UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Lina Maria Brandão de Aras.

(18) Em acordo com a definição de Roger Chartier, entendemos que a Nova História Cultural “tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Nesse sentido, “[...] pode-se pensar-se uma história cultural do social que tome por objecto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” [CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990 (Memória e Sociedade). p. 16-17 e 19]. Foi, sobretudo, a partir da década de 1990 que, guiados pela Nova História Cultural, os estudos de História da Educação no Brasil ampliaram o conceito de fonte histórica, os objetos de estudos e os recortes temporais. A influência da Nova História Cultural sobre os historiadores da educação fez com que o interesse se deslocasse da investigação das normas para o estudo das práticas escolares. Sobre estas

questões, consultar: LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001; NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Historiografia da Educação e fontes*. **Cadernos da ANPEd**, Porto Alegre, n. 5, set., p. 7-64, 2000; e VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003.

(19) Entre os textos que compõem o livro *Mitos emblemas, sinais*, atenção especial pode ser dada ao ensaio “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” (p. 143-179), no qual Ginzburg busca reconstituir a trajetória do paradigma indiciário. Trata-se, como o próprio autor confessa no prefácio da obra, de “uma tentativa de justificar em termos históricos e gerais um modo de fazer pesquisas” (p. 7). Leia-se, o seu modo de fazer pesquisa, notável desde a publicação de *Os andarilhos do bem* (1966). Segundo Ginzburg, “de uma reflexão sobre a análise de perto, de tipo microscópico, nasceu ‘Sinais’. De início, eu me propusera a justificar indiretamente meu modo de trabalho, construindo uma genealogia intelectual privada, que antes de mais nada contivesse um pequeno número de livros que julgava terem me marcado de modo particularmente profundo [...]. Depois, o projeto eclodiu em outras direções. Mais uma vez caí na tentação de analisar o objeto da pesquisa (um objeto que às vezes parecia-me inapreensível, pois em contínua expansão) num âmbito temporal longo, ou melhor, longuíssimo, mas concentrando-me numa série de pormenores investigados de perto” (p. 10).

(20) No Brasil, um marco nos debates sobre a circularidade entre as culturas foi a publicação, em fins da década de 1980, da obra *O queijo e os vermes* (GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987).

(21) Esse conceito foi (re)elaborado em diversas obras do historiador Roger Chartier, entre as quais: CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990 (Memória e Sociedade); CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1998; CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2ed. Brasília: Editora da UNB, 1998; CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

(22) Segundo Chartier, as representações do mundo social, “embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”. In: CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990 (Memória e Sociedade). p. 17.

(23) ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

(24) RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. *Preceptoras alemãs no Brasil*. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 269-290 (Coleção Historial, 6).

(25) VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres: a educação doméstica como uma prática das elites no Brasil de oitocentos**. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado em Educação), PUC-Rio.

(26) _____. **A casa e os seus mestres: a educação no Brasil de Oitocentos**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005. Entre os desdobramentos do livro de 2005, estão: _____. *Vozes femininas do oitocentos: o papel das preceptoras nas casas brasileiras*. In: LÔBO, Yolanda; FARIA, Lia (Orgs.). **Vozes femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008. p. 19-45; _____. *Mulheres preceptoras no Brasil oitocentista: gênero, sistema social e educação feminina*. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; SÁ, Nicanor Palhares (Orgs.). **Gênero, etnia e movimentos sociais na história educação**. Vitória-ES: EDUFES, 2011 (Coleção Horizontes da pesquisa em História da Educação no Brasil, 9). p. 1-25.

(27) Ina von Binzer veio para o Brasil em 1881, contratada para educar os filhos de uma rica família do interior do Rio de Janeiro. Sua aventura educacional durou até 1883, após passar por um colégio de moças, por uma tradicional família paulistana e, finalmente, por uma fazenda do interior de São Paulo. Dessa jornada, Ina, usando o pseudônimo de Ulla von Eck, legou-nos 40 cartas, onde narra com minúcia as *alegrias e tristezas* de sua missão pedagógica.

(28) Trabalho disponível na *Internet* e, parcialmente, publicado na obra em: ALBUQUERQUE, Samuel. **Nas memórias de Aurélia: cotidiano feminino no Rio de Janeiro do século XIX**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

INVENTÁRIO *post-mortem* de Lourença Dantas e Mello. São Cristóvão, 1861. Arquivo Geral do Judiciário, Fundo São Cristóvão/Cartório do 2º Ofício, caixa 22, número geral 180.

MOVIMENTO do porto. **Correio da Tarde**, Rio de Janeiro, 3 maio 1859. p. 3.

NOTA de batismo de Anna. Engenho Escurial, Freguesia de Nossa Senhora d'Ajuda, 1869. In: **Livro de Batizados 1** [sic.] – **1864/1878**, batismo número 2046, folha 106 (reverso). Arquivo da Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora d'Ajuda, Itaporanga/SE.

REGISTRO do casamento de José de Faro Rolemberg com Dona Amelia Dias Dantas e Mello. Itaporanga d'Ajuda, 1869. In: **Livro de registro de casamentos – 1845/1877**, casamento número 1258, folha 130 (reverso). Arquivo da Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora d'Ajuda, Itaporanga/SE.

ROLLEMBERG, Aurélia Dias. [**Texto de memórias**]. Aracaju, [entre 1927 e 1952]. Acervo do IHGSE.

ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. **As memórias de Dona Sinhá**. São Cristóvão, 2004. 135 p. TCC (Licenciatura em História), DHI/UFS.

_____. **Memórias de Dona Sinhá**. Aracaju: Typografia Editorial, 2005.

_____. **A preceptora**: representações em *Amar, verbo intransitivo* de Mário de Andrade. São Cristóvão, 2007. 94 p. Dissertação (Mestrado em Educação), NPGED/UFS. Orientador: Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento.

_____. **Preceptoras alemãs na Bahia e em Sergipe (1860-1920)**. Salvador, 2007. 20 p. Projeto de Pesquisa (Doutorado em História), PPGH/UFBA.

_____. Ibarê Dantas e a História da Província de Sergipe. **Revista do IHGSE**, Aracaju, n. 42, p. 209-217, 2012.

_____. De passagem pelo Camaçari. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 16 mar. 2013. Caderno B, p. 6.

_____. **Entre cartas e memórias**: preceptoras europeias no Brasil do século XIX. Salvador, 2013. 193 p. Tese (Doutorado em História), PPGH/UFBA. Orientadora: Profa. Dra. Lina Maria Brandão de Aras.

_____. **Nas memórias de Aurélia**: cotidiano feminino no Rio de Janeiro do século XIX. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

BARREIRA, Luiz Carlos. **História e Historiografia**: as escritas recentes da História da Educação Brasileira (1971-1988). Campinas, 1995. 258 p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação/UNICAMP.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990 (Memória e Sociedade).

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998;

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2ed. Brasília: Editora da UNB, 1998;

_____. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DANTAS, Ibarê. **Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825/1909)**. O patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe. Aracaju: Criação, 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil II). 2ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951 (Coleção Documentos Brasileiros, 66).

_____. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana**: uma crítica aos estudos de História da Educação. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003 (Educação é História, 1).

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Historiografia da Educação e fontes**. **Cadernos da ANPEd**, Porto Alegre, n. 5, set., p. 7-64, 2000.

RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 269-290 (Coleção Historial, 6).

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e seus mestres**: a educação doméstica como uma prática das elites no Brasil de oitocentos. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado em Educação), PUC-Rio.

_____. **A casa e os seus mestres**: a educação no Brasil de Oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

_____. Vozes femininas do oitocentos: o papel das preceptoras nas casas brasileiras. In: LÔBO, Yolanda; FARIA, Lia (Orgs.). **Vozes femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2008. p. 19-45.

_____. Mulheres preceptoras no Brasil oitocentista: gênero, sistema social e educação feminina. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; SÁ, Nicanor Palhares (Orgs.). **Gênero, etnia e movimentos sociais na história educação**. Vitória-ES: EDUFES, 2011 (Coleção Horizontes da pesquisa em História da Educação no Brasil, 9). p. 1-25.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003.

WARDE, Mirian Jorge. Anotações para uma Historiografia Brasileira. **Em Aberto**, Brasília, ano 3, n. 23, set./out., p. 1-6, 1984.